

Lista da representação brasileira joga no que não é risco e aposta no consagrado

B

Os artistas

- | | |
|-------------------|---------------------------|
| Amílcar de Castro | ■ Anna Bella Geiger |
| José Resende | ■ Hilton Berredo |
| Sérgio Camargo | ■ Carmela Gross |
| Frida Baranek | ■ Flávia Ribeiro |
| Jac Letzner | ■ Esther Grinspun |
| Marco do Valle | ■ Emanuel Nassar |
| Flávio Shiró | ■ Marcos Coelho Benjamin |
| Daniel Senise | ■ Katle van Scherpenberg |
| Mônica Sartori | ■ Cildo Meireles |
| Nuno Ramos | ■ Anésia Pacheco e Chaves |
| Fábio Miguez | ■ Carlos Vergara |
| Eduardo Sued | |



O contraste criste dentro da nova geração: a exuberância pictórica de Daniel Senise diante do sutil raciocínio conceitual de Jac Letzner

Duas décadas e três tendências no jogo dos múltiplos contrapontos da Bienal: Marco do Valle, Cildo Meireles e Frida Baranek

Brasil na 20ª Bienal

Roberto Comado

SÃO PAULO — A Fundação Bienal de São Paulo divulgou ontem a relação dos artistas brasileiros convidados para apresentar seus trabalhos na 20ª Bienal Internacional de São Paulo, prevista para ser aberta no próximo dia 14 de outubro. Na seleção, de 24 nomes (veja a lista acima), constam artistas consagrados como os escultores Amílcar de Castro, José Resende e Sérgio Camargo. A pintura também está prestigiada, com os nomes de Flávio Shiró, Daniel Senise, Carlos Vergara e Jorge Guinle Filho. A instalação, por sua vez, está bem representada com Cildo Meireles — e os jovens talentos não foram esquecidos, com a inclusão, entre outros, de Fábio Miguez, Jac Letzner, Frida Baranek e Nuno Ramos. Uma lista de convidados capaz, ao que parece, de contentar a todos.

Os critérios de escolha dos artistas se basearam na atualidade das linguagens estéticas e na qualidade plástica dos trabalhos elaborados, explica a curadora do setor nacional da Bienal, Stélla Teixeira de Barros. "Resaltamos em primeiro lugar a linguagem contemporânea e atual dos artistas", diz Stélla, que para a seleção contou com a ajuda da Comissão de Arte e Cultura (CAC) da Fundação Bienal, composta pelo colecionador Gilberto Chateaubriand, o coordenador do MAM do Rio, Paulo Herkenhoff, o crítico Marcos Loutch e os artistas plásticos José Alberto Nemer, de Minas Gerais, e Luiz Paulo Baravelli, de São Paulo.

"Tentamos evitar a repetição de nomes que estivessem nas duas últimas Bienais, e não ser nos casos em que houve uma mudança muito grande na obra do artista", diz Stélla de Barros, justificando, com esta ressalva, as presenças dos pintores Daniel Senise e Eduardo Sued.

A gravura não está presente na seleção da delegação brasileira da 20ª Bienal. Mas, segundo a curadora do setor nacional, não houve preocupação em excluir ou privilegiar este ou aquele tipo de linguagem. "Não fuemos a seleção dos artistas em função de uma tipologia, de um tipo de trabalho", insiste Stélla. "A Anna Bella Geiger, por exemplo, que é uma gravadora reconhecida, está sendo convidada pelas suas pinturas". Também não houve discriminação de idade, garante Stélla. "A nossa obrigação é a de mostrar um trabalho contemporâneo, atual, não importando se o artista é jovem ou não", afirma.

Os artistas convidados para apresentar seus trabalhos na 20ª Bienal vão receber uma ajuda de US\$ 1 mil (INCTB 1 mil, ao câmbio oficial), como ocorreu nas quatro últimas Bienais. A diretoria da Fundação Bienal, além disso, segundo Stélla de Barros, está propensa a pagar as despesas de transporte e seguro das obras. A curadora pretende, agora, discutir com os artistas selecionados a melhor maneira de expor suas obras, num máximo de 30 por participante. "As vezes um artista não é um bom curador de sua obra — os trabalhos se chocam no espaço e acabam não alcançando uma especificidade", diz Stélla, que trabalhou na Bienal no período de 1982 a 85, tendo sido responsável pela sala especial sobre o expressionismo no Brasil na mostra de 1985. "Este ano a relação dos artistas é muito boa, e isto já é um excelente começo", acrescenta.

"Esta é uma das melhores listas, se não a melhor, já feitas de artistas brasileiros para uma Bienal", concorda o crítico paulista Rodrigo Naves, editor da revista *Novos Estados*, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cetrap). "Ela inclui pelo menos três dos maiores artistas brasileiros contemporâneos — Eduardo Sued, Sérgio Camargo e Amílcar de Castro —, que talvez tenham condições de fazer uma grande exposição", diz Naves. "O importante é que os artistas tenham na Bienal um espaço adequado, que caracterize bem a obra de cada um".

Para o crítico mineiro Olívio Tavares de Araújo, a arte brasileira de boa qualidade finalmente está representada na Bienal. "A relação de artistas corrige injustiças ao prestigiar, enfim, o grande pintor Flávio Shiró", diz Araújo. "Ela também traz à tona artistas jovens de talento como Fábio Miguez, Jac Letzner, Flávia Ribeiro e Frida Baranek. E aposta no meio do campo com Anna Bella Geiger, Emanuel Nassar, Daniel Senise e os grandes mestres Amílcar de Castro, José Resende e Sérgio Camargo", analisa o crítico, que não esquece que a lista o agrada. "Quase metade dela estava na minha pré-lista, feita a pedido da curadora Stélla de Barros, quando eu ainda era membro da Comissão de Arte da Bienal", lembra Olívio Tavares de Araújo, que chegou a sonhar com a curadoria da 20ª Bienal.



Uma homenagem póstuma à vênus do colorido de Jorge Guinle Filho, que irá receber o público em uma das salas especiais no Ibirapuera

Representação VIP

Reynaldo Roels Jr.

Na polémica Bienal de 1985, a Grande tela coasagrou o neo-expressionismo e a bad painting — um tanto involuntariamente, a crer na então curadora Stélla Lerner, que pretendia que o circuito de instalações fosse o mais importante. Os pintores brasileiros da Geração 80 se saíram sem máculas do evento. Dois anos atrás, a mesma Stélla, sem se arrisgar a definir uma única nova linguagem (talvez inexistente), mostrou as virtudes e os defeitos do pensamento plástico contemporâneo no Brasil: a ausência de Tunga e de Ivone Machado inutilizava a fragilidade ocasional dos demais patriotas que expuseram seu peçoço à guilhotina pública.

Podia parecer que uma lista não seja mais do que uma lista, e o que Stélla Barros, a atual curadora da Bienal, faz com as obras é capaz de modificar radicalmente as inferências feitas a partir dos nomes divulgados. Mas, como de toda seleção é sempre possível aprender um julgamento prévio, a lista permite a desfilada com alguma confiança e ainda algumas conclusões prévias.

A primeira é que Stélla se fixou em um campo familiar, onde a margem de erro é pequena. Ao contrário do que aconteceu no evento de 1987, onde os brasileiros surpreenderam por se movimentar entre altos e baixos extremos, um sábio-meio termo parece imperar nesta que será inaugurada em outubro próximo. A maioria são artistas firmemente estabelecidos no cenário. Uma segunda inferência: será uma Bienal de contrastes e oposições. Não há uma tendência apenas, mas várias. E por último, as tendências representadas não são novidade: que não se espere alguma revolução inédita ou uma consagração de novas linguagens. É a primeira impressão que fica da lista, quase que exclusivamente composta de VIPs da nossa pesquisa visual.

Dos novos, nenhum ou quase nenhum chega propriamente a cair como um raio do firmamento: Mônica Sartori, Frida Baranek, Esther Grinspun, Jac Letzner, Flávia Ribeiro, Emanuel Nassar, Marcos Coelho Benjamin, Marco do Valle e Anésia Pacheco e Chaves não são o que se possa chamar de completos estranhos. Alguns podem ser até inesperados no evento. Os outros, de Sérgio Camargo, Flávio Shiró, Anna Bella Geiger, Eduardo Sued e Amílcar de Castro, até Hilton Berredo, Daniel Senise, Nuno Ramos, Fábio Miguez, Cildo Meireles, Carlos Vergara e Katle van Scherpenberg, todos são conhecidos em um baralho de cartas já conhecidas.

O grupo constitui um apinhado das principais linguagens que tiveram origem a partir dos anos 50 no Brasil, e que se definiram (ou serão definidas no evento) por contrastes: construção versus expressão; abstracionismo geométrico versus abstracionismo informal; conceitualismo versus retinismo; forma versus cor; pintura versus tridimensionalidade etc etc, mostrando de que modo os problemas apresentados nos últimos 30 ou 40 anos permaneceram de certa maneira os mesmos. Comentário idêntico se aplica às salas especiais de Jorge Guinle Filho e Mira Schendel, o contraste dos opostos.

Este ano o turbilhão político e econômico que desola o país fez com que a curadoria adotasse a estratégia do recurso à prudência. Investir na história da arte brasileira recente é uma aplicação convencional e sem risco. Como as ações da Petrobrás ou do Banco do Brasil, em geral com lucros nada espetaculares, porém sempre crescentes e seguros. Um capitalismo sério, mas que evita os grandes vótes da imaginação. Em se tratando de arte, é ver para saber se dá certo.

Opiniões

■ **Daniel Senise**, — pintor neo-expressionista, 33 anos — Não sei bem o que vou apresentar na Bienal mas não vai ser um trabalho diferente do que costumamos fazer. Pretendo apresentar pinturas, não tenho nenhum projeto de instalação ou escultura. Provavelmente vou optar por telas bem grandes, mas tenho também que ver como a Bienal vai ser montada. Espero que este ano tenha uma sala para os meus trabalhos, que eles não sejam misturados com outros. Mas isso dependerá da arquitetura da Bienal. É a segunda vez que participo. A de 1985 foi muito vinculada à volta à pintura, ao retorno, à descoberta do neo-expressionismo alemão. Stélla Lerner, que foi a curadora, quis demonstrar isso, tanto que fez a Grande tela que juntava artistas do mundo todo. A Bienal de 87, da qual não participei, deu mais destaque às instalações. É um trabalho que não tem uma classificação muito definida. É uma Bienal que tenta definir um estilo, uma tendência. Não é uma Bienal de jovens, de novos valores. É uma mistura das coisas interessantes que estão acontecendo. Na visão dos curadores, é claro.

■ **Eduardo Sued**, — pintor geométrico, 63

anos — Quero expor três ou quatro trabalhos grandes, em óleo sobre tela, ocupando uma sala. Gostei da lista dos escolhidos para representar o Brasil, embora desconheça alguns nomes. A primeira vez que fui convidado para participar de uma Bienal, fiquei emocionado; hoje, várias Bienais depois, sei que a vida é um trabalho permanente e, mais maduro, estou vendo esse convite com outros olhos.

■ **Anna Bella Geiger**, — pintora abstrata, 58 anos — Suponho que esse convite esteja baseado na minha produção mais recente: pinturas em tela e os máculos, telas pintadas e recortadas em formas diversas. Dos nomes selecionados, constato que a escolha recaiu sobre artistas de faixas etárias diversas, cujo trabalho já tem respeitabilidade. Particpei das Bienais dos anos 60 e interrompi essa participação em 1967, por causa da situação política do país. Achava impossível conviver com essas instituições, fossem elas salões, bienais ou que nomes tivessem. Voltei à Bienal em 1981, ao sentir que ela tinha nova credibilidade e está retomando a dimensão internacional perdida depois de 1967.